

O ânimo das massas e a psicologia do sujeito mutilado: Leon Trotsky e Theodor Adorno sobre o fascismo e a extrema direita

The mood of the masses and the psychology of the mutilated subject: Leon Trotsky and Theodor Adorno on fascism and the far right

Lucas Fiaschetti Estevez¹

Recebido em 24/09/2021; aceito em 20/12/2021

Resumo: Leon Trotsky e Theodor Adorno desenvolveram interpretações a respeito do fascismo que apresentam tanto divergências como pontos de contato. Enquanto o primeiro priorizava a dimensão política do fenômeno, o segundo se debruçou sobre o fascismo naquilo que ele mobilizava de sofrimento psíquico nas massas. O presente artigo busca comparar essas duas posições, principalmente no tocante ao status que a dimensão subjetiva e a questão da irracionalidade ocupam na obra dos autores.

Palavras-chave: *Theodor Adorno, Leon Trotsky, fascismo.*

Abstract: Leon Trotsky and Theodor Adorno have developed interpretations of fascism that have divergences but also points of contact. While the first prioritized the political dimension of the phenomenon, the second focused on fascism in what it mobilized of psychological suffering in the masses. This article aims to compare these two positions, mainly with regard to the status that the subjective dimension and the theme of irrationality occupy in the authors' work.

Keywords: *Theodor Adorno, Leon Trotsky, fascism.*

Figuras de relevo na plural trajetória do marxismo, Leon Trotsky (1879-1940) e Theodor Adorno (1903-1969) forneceram ao longo de suas obras distintas interpretações da extrema direita e do fascismo – as quais esse artigo tem por intenção comparar sob alguns aspectos específicos. Para isso, faz-se necessário explicitar algumas divergências de fundo que dizem respeito sobretudo (i) ao momento histórico diante do qual os autores se debruçaram, (ii) a tradição intelectual da qual faziam parte e, por fim, (iii) qual era o status da luta política e das possibilidades de transformação social em cada uma das formulações.

¹Doutorando em Sociologia pela Universidade de São Paulo (PPGS/FFLCH). ORCID: 0000-0003-2963-1298. E-mail: lucas.estevez@usp.br. Este artigo é resultado de discussões empreendidas na disciplina de pós-graduação *A Crise Contemporânea: Capitalismo e Democracia*, ministrada pelo Prof. Dr. André Singer e oferecida pelo Departamento de Ciência Política da Universidade de São Paulo no 1º Semestre de 2021.

Elaborada ao longo dos anos 1930, a interpretação trotskista do fascismo tinha diante de si os desdobramentos da crise do capitalismo e o recrudescimento do desemprego e da pauperização das classes pequeno-burguesas e proletárias, em especial na Alemanha. Para Trotsky, a crise que atingia o sistema revelava como as contradições do capitalismo tinham chegado a um ponto de não retorno (TROTSKY, 2018, p.75), no qual duas opções se abriam ao turbulento contexto de Weimar, a saber, a explosão do sistema pela via revolucionária ou a autodestruição pelo fascismo, este último oferecendo uma sobrevida à agonia de um sistema já “putrefato”. A partir dessas circunstâncias históricas, a análise de Trotsky prioriza a dimensão da luta de classes, e se preocupa com a possibilidade do fascismo tomar o poder enquanto regime político.

Embora Adorno já estivesse atento desde as primeiras décadas do séc. XX ao fenômeno do fascismo, suas teses principais percorrem um horizonte mais alargado do que aquele de Trotsky. Como ideia central, o frankfurtiano toma o fascismo como um fenômeno intrínseco ao capitalismo. Embora tenha atingido sua forma mais desenvolvida no nazismo alemão e no fascismo italiano, Adorno nota como os pressupostos de sua reprodução perduraram na sociedade do pós-guerra (ADORNO, 2020a, p.54). Diante dos movimentos de extrema direita dos anos 1960, Adorno enfatiza como “a tendência de se entregar a políticas catastróficas, em vez de perseguir interesses racionais” (ADORNO, 2015a, p.71) continua latente nas sociedades democráticas. Abaixo da aparente estabilidade desse novo contexto, o autor aponta para a crescente ameaça do desemprego tecnológico e do rebaixamento social como uma das chaves explicativas do apoio recebido por tais movimentos, elemento também notado por Trotsky em sua caracterização da crise. Mesmo com este ponto em comum, Adorno opera uma mudança no nível da análise: perante a “sociedade administrada” do capitalismo do pós-guerra, o autoritarismo de extrema direita é encarado enquanto movimento, ou seja, enquanto índice de características imanentes de uma determinada forma social que persiste, a saber, o próprio capitalismo.

Mesmo que compartilhem muitos pressupostos de uma análise marxista da sociedade, os autores formulam suas concepções a respeito da extrema direita a partir de paradigmas antagônicos. Como pertencente à tradição do marxismo-leninismo, Trotsky norteia sua discussão a fim de atingir as consequências práticas de suas formulações abstratas e teóricas (TROTSKY, 1985, p.2). Nesse sentido, a resistência ao fascismo e a própria compreensão de sua natureza

partem do paradigma da revolução proletária e da consciência de classe. Sua interpretação, nessa chave, se constitui como uma tentativa de explicar e corrigir os erros políticos e as estratégias equivocadas do Partido Comunista que afastaram de suas fileiras a pequena-burguesia e camadas do proletariado, que passaram a canalizar sua insatisfação no fascismo.

Desaparecido do horizonte da luta política no pós-guerra, o paradigma da revolução se mostra obsoleto para Adorno. Não só o autor, mas o próprio marxismo da Escola de Frankfurt se coloca diante do diagnóstico da interdição da práxis revolucionária e da integração do proletariado à sociedade de massas. Embora a luta de classes continue a organizar a sociedade do pós-guerra, sua estrutura torna-se opaca aos homens e o projeto no qual os oprimidos “poderiam unir-se como classe e pôr um fim ao horror, parece não ter perspectiva diante da distribuição atual de impotência e poder” (ADORNO, 2020b, p.262). Estamos no reino da “invisibilidade das classes” e da “petrificação de suas relações”, numa dita sociedade de indivíduos. Diante disso, deve-se investigar a permanência dos traços autoritários em uma sociedade que mobiliza os sujeitos não mais como integrantes de classes, mas como consumidores.

Cada um ao seu modo, Trotsky e Adorno respondem à questão do porquê as massas são suscetíveis à propaganda fascista – ou seja, investigam os condicionantes da efetividade social desse fenômeno. Porém, se o fascismo é incompatível com o interesse material dos mais desfavorecidos, o apoio recebido das camadas médias e subalternas deve ser explicado numa chave que vá além dos contornos da ação política racional e que ressalta os traços irracionais mobilizados por tais movimentos. Para isso, a análise política não pode dispensar a consideração da mediação dos indivíduos e de sua dimensão psicológica. Nas páginas seguintes, iremos nos atentar para como ambos os autores incorporaram a dimensão da subjetividade dos sujeitos em suas análises.

Preocupado com a natureza contrarrevolucionária do fascismo, Trotsky privilegia em sua interpretação a dimensão política do fenômeno. Frente à instabilidade da República de Weimar, o autor se propõe a analisar as determinações objetivas que estão em curso na luta de classes e no “estado de ânimo” de cada uma delas. Delineando o frágil equilíbrio de forças entre a grande burguesia, a pequena-burguesia e o proletariado, Trotsky entrevê como esses protagonistas da luta política, através de seus partidos e organizações, são atraídos para um ou outro destino político - o da revolução proletária ou da contra revolução fascista. A partir daí, o autor identifica como os erros sistemáticos da direção do Partido Comunista alemão, principalmente relativos à

sua insistência na doutrina do social-fascismo e na decorrente impossibilidade de formação de uma frente única são, em grande medida, os principais equívocos que dão oportunidade para a grande burguesia cooptar tanto as camadas médias como setores do proletariado ao fascismo. Os erros de estratégia política estariam afastando os partidos operários de sua tarefa histórica, aquela de auxiliar a classe operária a adquirir sua consciência de classe (TROTSKY, 2018, p.98), transformando-a em uma classe para si. Submetidos à burocracia estalinista, os comunistas estariam fracassando em tentar se tornar a vanguarda autônoma do proletariado. Se uma mudança de postura não fosse adotada, o resultado seria uma separação cada vez maior “*do partido e das massas e o enfraquecimento das organizações*” (Idem, p.28).

Sob essa perspectiva, fica claro como Trotsky joga ao centro do debate a urgência do realinhamento das estratégias políticas dos comunistas. Um ano antes da ascensão de Adolf Hitler ao poder, o autor afirma que “a questão de perspectiva de vitória, nestas condições, concentra-se em três quartas partes na estratégia comunista” (Ibidem, p.260). Para o bolchevique, a adoção de uma estratégia política correta seria capaz de trazer aqueles atingidos pelo medo e pelo sofrimento social novamente para as fileiras do projeto revolucionário: se o partido realmente encarnar sua missão histórica, “então as massas acreditarão nele” (Ibidem, p.272). Se os destinos do proletariado são, em suma, os destinos do partido, caberia então à luta política transformar a passividade em ofensiva revolucionária. Entretanto, Trotsky nota que enquanto os partidos operários não mudarem suas posturas nem se unirem em torno de uma frente única, sua fragilidade e falta de direção não trará o apoio das massas. O sofrimento dos desfavorecidos é estrondoso e, hora ou outra, se agarrará a algum projeto político que se coloque como transformador:

O ânimo das massas operárias é pesado. Estão atormentadas pelo desemprego, pela miséria. Mas o que as inquieta mais é a confusão da direção, sua incoerência. Os operários compreendem que não se deve deixar Hitler chegar ao poder. Mas como? Ninguém sabe. A direção atrapalha em lugar de ajudar. Mas os operários querem lutar (Ibidem, p. 215).

O trecho acima revela como Trotsky também se atentava para a dimensão subjetiva do fenômeno, principalmente ao salientar o medo e o sofrimento social que atingia as massas pauperizadas e a pequena-burguesia. Para o autor, a resistência ao fascismo também dependeria de “uma série de elementos subjetivos”, sobretudo aqueles que mobilizam nos indivíduos as ideias de “tradição, a iniciativa, a preparação da batalha” (TROTSKY, 1985, p.53). Assim, mesmo que se debruce sobre a conjuntura das forças políticas em curso, Trotsky inclui como um

momento de sua interpretação a mediação dessa luta pelos próprios indivíduos. Segundo ele, os erros dos comunistas também decorrem da má-compreensão por parte de seus líderes a respeito da “psicologia das massas” (TROTSKY, 2018, p.114), o que favoreceria o alargamento do abismo entre o partido e as classes subalternas. Dessa forma, o sucesso do fascismo em angariar apoio entre as classes médias e até entre os proletários também é compreendido na chave do apelo psicológico que sua ideologia provoca nos indivíduos. Ao ocupar o vácuo deixado pelo Partido Comunista, “o fascismo tornou acessível a política nas profundezas da sociedade” (Idem, p.293) – ou seja, na subjetividade desses sujeitos abandonados.

Essa constatação reforça a ideia de que o fascismo se alimenta de uma crise social que coloca em xeque principalmente o padrão de vida da pequena-burguesia e a desloca “fora de seu equilíbrio” (Ibidem, p.32). Quando sua vida material é ameaçada e não há um partido revolucionário organizado capaz de canalizar tais demandas, a ânsia pela mudança social acaba por se transformar em “desespero contrarrevolucionário”. Embora tenha como objetivo a destruição das organizações proletárias² e seja o baluarte dos interesses da grande burguesia, o fascismo se apresenta paradoxalmente como o verdadeiro projeto revolucionário que livrará as massas de suas mazelas:

Por meio da agência fascista, a burguesia põe em movimento as massas da pequena burguesia enfurecida, os bandos de “sem-classes”, os “lumpen-proletários” desmoralizados, todas essas inumeráveis existências humanas que o próprio capital financeiro levou ao desespero e à fúria (Ibidem, p.87).

Segundo Trotsky, a perspicácia dos fascistas em aliar “a demagogia anarquista aos objetivos conscientemente reacionários” (Ibidem, p.194) faz com que eles se apresentem como representantes de um movimento anti-sistêmico que oferece às massas impacientes, movidas por um sofrimento real, a imagem de uma revolução às avessas, na qual “a pequena burguesia perde a paciência e começa a ver nos trabalhadores revolucionários os culpados de sua própria miséria” (Ibidem, p.248). Como bem nota o autor, essa energia psíquica do descontentamento não pode ser menosprezada, já que “nenhuma classe pode viver muito tempo sem perspectivas e sem esperanças” (Ibidem, p.194). Ao pôr de pé as classes insatisfeitas umas contra as outras, principalmente os afetados pelo desemprego e pela proletarização, o fascismo une “todas as forças de frustração” (Ibidem, p.287) e engaja os desfavorecidos numa política diametralmente

² Embora esse prognóstico tenha se confirmado, vale lembrar que o regime nazista criou, logo em 1933, suas próprias organizações de massa. Dentre as mais importantes, destacam-se a *Deutsche Arbeitsfront* (Frente Alemã para o Trabalho), *Kraft durch Freude* (Força pela Alegria) e a *Hitlerjugend* (Juventude Hitlerista), as quais tiveram importante papel na integração das massas ao nacional-socialismo.

oposta aos seus interesses materiais – e, nesse sentido, pode ser compreendido como um fenômeno de caráter irracional. Justamente por isso tais movimentos recorrem à narrativa de uma “mitologia” nacional e racial, a despeito de qualquer conteúdo histórico real. O conflito de classes deve necessariamente tornar-se secundário. Em um outro texto, Trotsky complementa:

Outro capítulo da história se abre quando se revelam as fraquezas dos oprimidos: heterogeneidade, insuficiência cultural, horizontes limitados. Cansadas, deprimidas, desiludidas, as massas perdem a confiança em si mesmas e cedem lugar a uma nova aristocracia. Neste período, os bolchevistas (os "trotskistas") encontram-se isolados das massas (TROTSKY, 1978, p.37).

Embora a análise de Trotsky reconheça o aspecto subjetivo do fascismo, deve-se ressaltar que seu diagnóstico é elaborado a partir do pressuposto do proletariado enquanto sujeito da revolução que, por diversos erros de natureza política que atingem os partidos e organizações de esquerda, têm se afastado de sua tarefa histórica. De forma distinta, Adorno se debruça sobre o fascismo num arco mais amplo, compreendendo o fenômeno além de sua forma política, ou seja, tomando-o também como a expressão de tendências imanentes ao capitalismo que persistem nas democracias liberais do pós-guerra. Com a integração das classes operárias à sociedade administrada, Adorno reelabora o diagnóstico em relação à mediação dos sujeitos nesse processo, ponto central de nossa investigação. Segundo o frankfurtiano, a eficiência dos líderes fascistas em encontrar apoio maciço nas massas não pode mais ser vista como, eminentemente, o resultado de erros de estratégia política. Na verdade, Adorno decompõe o fenômeno do fascismo a fim de entender sob um novo prisma o que leva milhões de indivíduos a apoiarem uma ideologia que, caso seja bem-sucedida, irá destruí-los. Se o fascismo não pode ser encarado em termos eminentemente racionais, deve-se então colocar no centro da investigação o sofrimento psíquico que mobiliza a massa. Nessa nova sociedade, os antigos paradigmas da luta política se desmancham, e a possibilidade de uma sociedade distinta degenera “na loucura do espelhamento infinito de si mesma” (ADORNO, 2020b, p.272).

É a partir dessa problemática que Adorno recorre à psicanálise freudiana³, não por um capricho teórico ou por uma interdisciplinaridade imposta a priori, mas sim como uma exigência imanente do próprio objeto. Segundo o autor, os aspectos psicológicos do fascismo são fundamentais justamente “por causa de seus objetivos irracionais e autoritários, que não podem ser alcançados por meio de convicções racionais, mas somente através do despertar habilidoso de

³ Em suas análises, Adorno é bastante tributário da interpretação freudiana exposta em *Psicologia das Massas e análise do Eu* (1921) e *O mal-estar da civilização* (1930).

‘uma parte da herança arcaica do sujeito’ (ADORNO, 2015b, p.165). Entretanto, deve-se ressaltar que o uso de Adorno da psicologia não tem como objetivo tomar o aspecto psíquico dos indivíduos de forma dissociada do todo social. Na verdade, o autor quer explicitar o caráter social das próprias determinações psicológicas. Sua investigação não busca sociologizar a psique dos homens ou psicologizar a sociedade, mas reconhecer a contradição constitutiva entre as dimensões: ao mesmo tempo que se retroalimentam, não podem ser tomadas como um contínuo sem tensões. Se o desenvolvimento da individualidade no capitalismo tornou os indivíduos suscetíveis à propaganda fascista, deve-se então compreender a angústia que atinge tais grupos tomados pelo medo “das consequências dos desenvolvimentos gerais da sociedade” (ADORNO, 2020b, p.48). Para decifrar socialmente o fenômeno, é necessário portanto incluir como um momento da crítica dialética a análise da própria subjetividade, delineando o “novo tipo de sofrimento psicológico, bastante característico da era que, por razões socioeconômicas, testemunha o declínio do indivíduo” (ADORNO, 2015b, p.157). Entendido nesses termos, o sofrimento social é o resultado da reconciliação forçada entre a sociedade e o indivíduo, na qual o particular desaparece diante de um universal absoluto e autoritário (ADORNO, 2015a, p.133).

Ao enfatizar como o engajamento político do fascismo opera no nível da mobilização de afetos, medos e sofrimentos das massas, Adorno se aproxima de Trotsky ao compartilhar do diagnóstico que vê na crise social um terreno fértil para a extrema direita. Sem horizonte de melhora à vista, os indivíduos atingidos pelo desemprego tecnológico e pela ameaça castradora do rebaixamento de sua qualidade de vida passam a submergir nas massas integradas ao sistema, apresentando “atitudes primitivas contraditórias a seu comportamento racional normal” (ADORNO, 2015b, p.161). O desespero que atinge as massas encontra no fascismo não só uma possibilidade de luta, mas na própria figura do líder uma potente identificação psíquica, resultando numa submissão de caráter quase sadomasoquista⁴.

Por não poder enunciar seus verdadeiros interesses perante as massas, como o desmantelamento da seguridade social e a defesa dos interesses do grande capital, a propaganda fascista não recorre ao “*auto interesse racional*”, mas sim “*às necessidades emocionais*”

⁴ A importância do líder nos movimentos de extrema direita é central na interpretação de Adorno. Numa chave freudiana, o autor mostra como a efetividade do fascismo depende do estabelecimento de um vínculo artificial de natureza libidinal entre o líder e a massa. Dessa forma, os indivíduos colocam o líder no lugar ocupado pelo seu próprio Eu, e passam a se projetar e a se identificar nessa figura: “ao fazer do líder seu ideal, ele ama a si mesmo, por assim dizer, mas se livra das manchas de frustração e mal-estar que desfiguram a imagem de seu próprio eu empírico” (ADORNO, 2015b, p.169). Nesses termos, o fenômeno só pode ser entendido em sua dimensão coletiva, pois depende da relação do eu com algo externo a si próprio para se estabelecer enquanto vínculo.

(ADORNO, 2019, p.88), atuando através de estilos discursivos de “*natureza astuciosamente ilógica*” (ADORNO, 2015c, p.138). Dessa forma, sua ideologia assume um caráter fragmentário e estereotípico, necessariamente construído a partir de constatações morais. Para criar o mínimo de coerência interna, escolhem-se inimigos - seja o comunismo, grupos étnico-raciais, grupos profissionais ou os imigrantes. A partir de truques psicológicos, os agitadores fascistas substituem as ideias pelas paixões, nas quais o irracional irrompe como uma “*força integradora negativa*” (ADORNO, 2015b, p.176). Além disso, a propaganda e a cultura massificada substituem o partido, o sindicato e as demais organizações que, anteriormente, constituíam o campo da luta e da formação das subjetividades das classes.

O fascínio exercido pelo fascismo nas massas é condicionado, em grande medida, pela impossibilidade socialmente determinada de apreensão, por parte dos sujeitos, da racionalidade econômica que rege a sociedade. Opaca e aparentemente sem direção, a ideologia reproduz a imagem de uma sociedade composta de indivíduos isolados que constroem o todo a partir da busca de seus interesses pessoais. Submetidos a uma situação contrária ao autoesclarecimento, os homens internalizam o medo de serem excluídos socioeconomicamente sem estabelecerem a lógica causal de sua penúria com o mecanismo da acumulação capitalista. Transformado numa segunda natureza dissociada do todo social (ADORNO, 2015a, p.77), o sofrimento passa a reproduzir em si mesmo o caráter irracional do movimento infundável do capital, contrário à realização das necessidades humanas e restrito ao progresso da técnica. Nessa dialética que toma os modos de comportamento como momentos da totalidade social, o indivíduo potencialmente fascista⁵ é aquele que melhor reflete a penúria da sociedade. Longe de serem lunáticos, tais sujeitos são o mais claro exemplo do condicionamento autodestrutivo das subjetividades que engajam-se contra si próprias, num processo de coisificação das consciências que reflete uma postura apologética frente ao mundo social:

A sociedade atual, entretanto, é “totalitária” também no fato de nela os seres humanos como tais, talvez de forma mais abrangente do que antes, igualarem-se a energia do seu eu ao movimento da sociedade; de forma a impulsionar cegamente sua autoalienação até a imagem ilusória da igualdade entre o que são para si e o que são em si (Idem, p.106).

⁵ Adorno e sua equipe realizaram nos Estados Unidos uma extensa pesquisa nos anos 1950, intitulada *Estudos sobre a Personalidade Autoritária*, a fim de identificar as determinações sociais e o perfil psicológico dos indivíduos potencialmente autoritários e de “tipo manipulador” nas sociedades democráticas. Neste trabalho, encontraram as seguintes características nesses sujeitos: convencionalismo, submissão autoritária, agressão autoritária, anti-intracepção, superstição e estereotipia, poder e “dureza”, destrutividade, cinismo, desprezo pelo humano, projetividade e excessiva preocupação com questões sexuais (ADORNO, 2019, p.135).

Nesse sentido, os indivíduos monadológicos só servem ao aparato como consumidores de mercadorias, de bens da indústria cultural e de projetos políticos autoritários. Dessa forma, sucumbem eles mesmos ao status de coisa intercambiável e abstrata. Diante da ameaça de pauperização e do desemprego tecnológico, os indivíduos compreendem sua situação como “potencialmente supérflua” (ADORNO, 2020a, p.47), sem lugar no processo de produção. Para Adorno, é deste desespero que a propaganda fascista se aproveita, fornecendo respostas fáceis e gratificações psicológicas. Através de sua fraseologia vaga, os demagogos fascistas prometem algo diferente do que “está aí” àqueles que não têm mais nada a perder (Idem, p.52). Adotando diferentes maneiras ao longo da história, esses movimentos apontam um novo caminho nacional (Make America), delineiam um futuro abstrato (great) e romantizam o passado (again) como única solução diante da miséria que atinge milhões. Na compreensão do autor, esses elementos revelam a natureza contraditória de tais movimentos, que ao mesmo tempo são anti-sistêmicos e conservadores, capazes de unir o apelo à ordem com o ataque ao existente. Entretanto, nem tudo que aí é mobilizado é falso. Justamente por se aproveitar das consequências econômicas desagregadoras do desenvolvimento da sociedade burguesa, a ideologia fascista não deve ser tomada como pura mentira e loucura:

[...] de modo algum todos os elementos dessa ideologia são simplesmente falsos, mas que também o verdadeiro entra a serviço de uma ideologia não verdadeira e que o truque essencial para resistir a isso consiste em denunciar o abuso da verdade pela inverdade (Ibidem, p.65).

Embora encontre apelo na psique dilacerada dos homens, cabe à crítica revelar a irracionalidade dessa política como uma necessidade intrínseca ao seu próprio funcionamento. Adorno nota que o fascismo inibe seus objetivos reais pois eles são, a princípio, indizíveis. Ao não apelar para sua meta final, a extrema direita se atém aos meios, ao desespero na mobilização dos afetos, tornando-se uma prática política sem conceito (Ibidem, p.67), um “sistema delirante” que só entende a linguagem da dominação. Caso postulasse uma prática política racionalmente orientada, ficaria evidente como esses extremismos “contradizem os interesses materiais de grande número daqueles que pretendem abarcar” (ADORNO, 2015b, p.184). É por causa dessa contradição que o fascismo explora a própria debilidade da subjetividade dos homens ao seu favor. Ao se dirigir àqueles que sofrem de “frustrações sem sentido”, a propaganda toma os homens como “átomos sociais desindividualizados e pós-psicológicos” (Idem, p.187), como os

“verdadeiros filhos da cultura de massa padronizada de hoje, em grande parte subtraídos de sua autonomia e espontaneidade” (Ibidem, p.184).

A partir dos pontos anteriormente expostos, buscamos delinear como Trotsky e Adorno abordaram não só os condicionantes da adesão de parcelas significativas das classes intermediárias e subalternas aos movimentos fascistas, como também os porquês do bloqueio das lutas emancipatórias mesmo diante da pauperização e da crise social. Embora difiram na ênfase dada à dimensão psicológica e política, ambos concordam em apontar que as tendências autoritárias presentes na sociedade não se explicam somente pelos erros das organizações, dos partidos e das demais instâncias da luta política progressista, mas também decorrem de como os indivíduos canalizam seu desespero e sofrimento social no fascismo.

Como salientamos anteriormente, o caráter irracional do fascismo, seja enquanto regime, seja enquanto movimento, se dá justamente pelo fato de seu projeto político representar o extremo oposto dos interesses das massas que o apoiam. Sobre esse ponto, podemos fazer uma última aproximação entre os pensadores aqui selecionados. Por não poder explicitar seus interesses econômicos e políticos de forma clara, tanto Adorno como Trotsky reconheceram a necessidade lógica do fascismo em insistir nos meios, e não nos fins de suas ações. Segundo Trotsky, uma práxis política que não explicita os fins de sua estratégia carece de uma justificação racional – a saber, não se presta à realização dos interesses históricos do proletariado. Se a luta comunista se justifica pelo seu fim, ou seja, pela supressão da dominação do homem pelo homem, o fascismo confessa a quem serve ao abstrair de suas metas. Para o autor, “quando dizemos que o fim justifica os meios, disto deriva para nós que o grande fim revolucionário repudia, entre estes meios, os procedimentos e os meios indignos que lançam uma parte da classe operária contra outra”, como os movimentos fascistas “que prometem ‘a felicidade das massas’ sem a sua organização, substituindo-as pela adoração dos ‘chefes’” (TROTSKY, 1978, p.35).

Ao abstrair de um conteúdo racional, o fascismo dificilmente poderia ser descrito como um projeto movido por uma vontade de realização política, mas sim como uma lógica destrutiva que, nos termos de Adorno, se auto movimenta em busca da realização do desejo (ADORNO, 2015c, p.140). Se por um lado temos a irracionalidade dos fins, o frankfurtiano nota a exatidão da razão instrumental dos meios, numa “constelação de meios racionais e fins irracionais” que

expressam as tendências aporéticas da própria civilização ocidental (ADORNO, 2020a, p.54). Ao ignorar a “finalidade geral da sociedade”, a política é reduzida à dimensão da administração do existente, numa logística apurada dos meios que ignora seu fim inominável, como na postura de Adolf Eichmann diante das listas de nomes colocadas sobre sua escrivaninha.

Para se transformar numa potente arma política, a resistência ao fascismo deve atacar justamente todo o irracionalismo com uma verdade não ideológica. A construção de uma alternativa à barbárie deve propor novos meios, mas ir além – deve conquistar um engajamento coletivo em torno de fins claros e racionalmente orientados. Nessa chave, vale a pena retomar a citação feita por Trotsky da peça Franz von Sickingen, de Ferdinand Lassalle, ao insistir na urgência em se compreender a “interdependência orgânica entre meios e fins” (TROTSKY, 1978, p.36) na construção de um novo caminho de luta política. Por vezes, a arte desata melhor os nós do pensamento do que o conceito:

Não indique apenas o fim, / mas mostra também o caminho/ porque o fim e o caminho/ estão tão unidos/ que um muda com o outro/ e com ele se move/ - e cada novo caminho/ revela um novo fim (LASSALLE, 1910, p.63)⁶.

Referências

- ADORNO, Theodor. Sobre a relação entre sociologia e psicologia. In: **Ensaio sobre Psicologia Social e Psicanálise**. São Paulo: Ed. Unesp, 2015a.
- ADORNO, Theodor. Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista. In: **Ensaio sobre Psicologia Social e Psicanálise**. São Paulo: Ed. Unesp, 2015b.
- ADORNO, Theodor. Antissemitismo e propaganda fascista. In: **Ensaio sobre Psicologia Social e Psicanálise**. São Paulo: Ed. Unesp, 2015c.
- ADORNO, Theodor. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. São Paulo: Ed. Unesp, 2019.
- ADORNO, Theodor. **Aspectos do novo radicalismo de direita**. São Paulo: Ed. Unesp, 2020a.
- ADORNO, Theodor. Reflexões sobre a teoria de classes. In: **Crítica Marxista**, n.50; p.259-273, 2020b.
- LASSALLE, Ferdinand. **Franz von Sickingen: a tragedy in five acts**. Nova York: New York Labor News Company, 1910.
- TROTSKY, Leon. **Moral e Revolução**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. Paginação do PDF, dispo. em: <http://cstpsol.com/home/dl/Leon%20Trotsky/Moral%20e%20Revolu%C3%A7%C3%A3o.pdf>

⁶ Tradução nossa. Na versão consultada, lê-se: *Show not the goal, / But also show the path. So closely tangled/ On earth are path and goal, and each with th'other/ Their places ever change, and other paths forthwith/ Another goal set up.*

TROTSKY, Leon. **A revolução permanente**. São Paulo: Kairós Livraria Editora, 1985.

TROTSKY, Leon. **Como esmagar o fascismo**. São Paulo: Autonomia Literária, 2018.